

Raquel Breitenbach,* Graziela Corazza,** Lucas Debastiani***

Sucessão familiar na agricultura: cenário internacional

La sucesión familiar en la agricultura: escenario internacional

Family succession in agriculture: international scenario

Abstract | One of the alternatives that the rural youth has been adopting is the migration to the urban environment, seeking different conditions of life, study and work. As a result of this migratory process, among other factors, there is the difficulty of family succession in the countryside. The Brazilian scenario of family succession in agriculture has been explored in academic research, which shows a pessimistic outlook. In the rest of the world can the same concerns about rural succession exist in Brazil? This paper investigates the current situation of rural family succession from an international perspective. We sought to identify: patterns of the problem of rural succession in the world; gender issues in the succession process; countries and situations that have minimized succession difficulties. Methodologically, a theoretical essay was conducted, based on the literature review, using reference manager. It was found that the problem of family succession in agriculture is

Recibido: 21 de octubre, 2019.

Aceptado: 18 de marzo, 2020.

* Professora e pesquisadora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão/Brasil. Bacharel e Licenciada em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Mestre e Doutora em Extensão Rural pela Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Linhas de pesquisa: gestão rural e agroindustrial, desenvolvimento rural, cadeia produtiva do leite, custos de transação e estruturas de governança.

** Engenheira agrônoma formada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão/Brasil. Discente do curso de formação pedagógica de docentes para a educação básica e profissional, na mesma instituição. Pesquisadora colaboradora no projeto de pesquisa. Linhas de pesquisa: desenvolvimento rural, gênero e sucessão rural.

*** Aluno do curso de Bacharelado em Agronomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão/Brasil. Linha de pesquisa: sucessão rural internacional.

Correos electrónicos: raquel.breitenbach@sertao.ifrs.edu.br | grazielacorazza@yahoo.com.br | lucasdebastiani2011@hotmail.com

Breitenbach, Raquel, Graziela Corazza, Lucas Debastiani. «Sucessão familiar na agricultura: cenário internacional.» *Interdisciplina* 9, n° 25 (septiembre–diciembre 2021): 115-138.

doi: <https://doi.org/10.22201/ceiich.24485705e.2021.25.79969>

present in several nations, to a greater or lesser extent, as well as gender differentiation, prioritizing man in the succession process. The theme is also part of public policy discussions around the world, worrying farmers, academics and the state. In Europe, public policies support succession processes in agriculture.

Keywords | Rural-urban migration, rural youth, gender in the countryside, family farming, global generational transfer.

Resumen | Uma das alternativas que o jovem rural vem adotando é a migração para o meio urbano, buscando diferentes condições de vida, estudo e trabalho. Como resultado desse processo migratório, dentre outros fatores, ocorre a dificuldade de sucessão familiar no campo. O cenário brasileiro sobre sucessão familiar na agricultura tem sido explorado em pesquisas acadêmicas, que mostram um panorama pessimista. No restante do mundo podem-se observar as mesmas preocupações sobre sucessão rural que existem no Brasil? O presente trabalho investiga a situação atual da sucessão familiar rural numa perspectiva internacional. Buscou-se identificar: padrões da problemática de sucessão rural no mundo; questões de gênero no processo de sucessão; países e situações que minimizaram as dificuldades de sucessão. Metodologicamente, realizou-se um ensaio teórico, alicerçado na revisão bibliográfica, utilizando gerenciador de referências. Constatou-se que a problemática da sucessão familiar na agricultura se apresenta em diversas nações, em maior ou menor grau, assim como a diferenciação de gênero, priorizando o homem no processo sucessório. A temática também faz parte das discussões de políticas públicas ao redor do mundo, preocupando agricultores, acadêmicos e o Estado. Na Europa, políticas públicas auxiliam os processos sucessórios na agricultura.

Palabras clave | Migração rural-urbana, juventude rural, gênero no campo, agricultura familiar, transferência geracional global.

Resumen | Una de las alternativas que la juventud rural ha estado adoptando es la migración al entorno urbano, buscando diferentes condiciones de vida, estudio y trabajo. Como resultado de este proceso migratorio, entre otros factores, existe la dificultad de la sucesión familiar en el campo. El escenario brasileño de sucesión familiar en la agricultura ha sido explorado en la investigación académica, que muestra una perspectiva pesimista. En el resto del mundo, ¿pueden existir las mismas preocupaciones sobre la sucesión rural en Brasil? Este artículo investiga la situación actual de la sucesión familiar rural desde una perspectiva internacional. Buscamos identificar: patrones del problema de la sucesión rural en el mundo; cuestiones de género en el proceso de sucesión; países y situaciones que han minimizado las dificultades de sucesión. Metodológicamente, se realizó un ensayo teórico, basado en la revisión de la literatura, utilizando el gestor de referencias. Se encontró que el problema de la sucesión familiar en la agricultura está presente en varias naciones, en mayor o menor medida, así como la diferenciación de género, priorizando al hombre en el proceso de sucesión. El tema también forma parte de las discusiones de política

pública en todo el mundo, preocupando a los agricultores, académicos y al estado. En Europa, las políticas públicas apoyan los procesos de sucesión en la agricultura.

Palabras clave | migración rural-urbana, juventud rural, género rural, agricultura familiar, transferencia generacional global.

Introdução

QUESTÕES RELACIONADAS AO FUTURO do meio rural são motivos de pesquisas e debates no Brasil (Anjos e Caldas 2005). Dentro desta temática, destaca-se o tema “sucessão rural” e permanência dos jovens no campo, questões diretamente relacionadas ao futuro do campo. A atenção em torno dos jovens rurais é importante, pois a continuidade das propriedades familiares depende destes e do sucesso no processo sucessório (ONUBR 2016).

Ao falar em juventude rural, se reconhece sua complexidade e heterogeneidade. Galindo (2019), opta pela utilização do termo “juventudeS”, por conta da diversidade de formas de auto identificação dos jovens, construídas a partir dos territórios onde vivem. Ou seja, a juventude rural é heterogênea ao mesmo tempo que reúne aspectos em comum. Somado a isso, juventude rural geralmente é definida como contraponto e comparativo da juventude urbana, seja no Brasil (Novaes *et al.* 2006; Castro *et al.* 2013) ou nações como o Chile, por exemplo (Aguirre-Pastén, Gajardo-Tobar e Muñoz-Madrid 2017). Comparativamente ao jovem urbano, que encontra condições facilitadas para o ensino profissionalizante e mercado de trabalho, o jovem rural tem menos autonomia e oportunidades no campo (Brumer 2007; Castro *et al.* 2013).

Ao aprofundar os estudos sobre sucessão e juventude rural, pesquisadores têm constatado a diferenciação de gênero, quais sejam: condições de vida, de tratamento, reconhecimento, remuneração, autonomia e oportunidades (Heredia e Cintrão 2006). Na agricultura familiar¹ brasileira e latino-americana, persistem as preferências pelos filhos homens como sucessores familiares nas propriedades rurais (Redin *et al.* 2013; Coradini 2016; Deere e León 2003).

Corroborando com isto, há uma tendência de declínio de transferência de propriedades rurais para sucessores, diminuição do número de novos proprietários e propriedades rurais, com conseqüente aumento do tamanho médio das propriedades (Viira, Põder e Värnik 2014). Este contexto é cenário para pesquisas e debates, seja na academia, sociedade civil organizada ou poder público, no intuito de compreender os interesses e perspectivas da juventude rural (Viira, Põder e Värnik 2014; Santos 2009; Araujo 2010).

1 No mundo predomina a forma familiar de empreendimentos agrícolas, os quais se caracterizam por pertencer e serem administrados por um ou mais membros de uma família (MacDonald, Korb e Hoppe 2013).

Na agricultura familiar, de modo especial, existe a preocupação da permanência dos jovens no meio rural, pois a presença de um membro da família como sucessor é imprescindível para a continuidade destes estabelecimentos (Breitenbach e Corazza 2019).

No cenário brasileiro, as pesquisas apontam para um ambiente desfavorável para a reprodução social no meio rural. Isso ocorre especialmente pelos seguintes motivos: desvalorização dos atores que vivem no campo; falta de infraestrutura em muitas propriedades; dificuldades relacionadas ao trabalho agrícola e a agricultura; tradições patriarcais que presam pela maior valorização do trabalho do homem em detrimento do trabalho da mulher e culminam em desigualdade de gênero no processo de sucessão rural (exclusão das mulheres); falta de apoio governamental para os jovens agricultores; precárias condições de infraestruturas no meio rural; baixas opções de escolarização; entre outros (Carneiro 2001; Spanevello *et al.* 2010; Siqueira 2004; Anjos, Caldas e Costa 2006; Breitenbach e Corazza 2017; Soares da Silva *et al.* 2011; Castro *et al.* 2013; Mello *et al.* 2003; Costa 2006; Savian 2011; Stropasolas 2004).

Portanto, a pesquisa brasileira está se esforçando para compreender o contexto e buscar ações para resolver esta problemática (Troian e Breitenbach 2018). Porém, pesquisas que extrapolam o cenário nacional e buscam compreender a questão numa perspectiva internacional são menos usuais. Diante disto, essa pesquisa buscou mapear como a sucessão familiar rural vem acontecendo em nível mundial. Especificamente, objetivou-se identificar padrões da problemática de sucessão rural no mundo; questões de gênero no processo de sucessão; países que estão agindo para minimizar as dificuldades de sucessão.

Metodologia

Na presente pesquisa se realizou um ensaio teórico, alicerçado na revisão bibliográfica, com auxílio de ferramenta de gerenciamento de referências. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa e exploratória, pois busca compreender os significados e características dos objetos de pesquisa (Richardson *et al.* 1999).

A pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade não quantificável, sendo utilizada para definir ou descobrir a causa de um problema com maior exatidão (Minayo *et al.* 1994; Malhotra 2001; Richardson *et al.* 1999). A pesquisa exploratória, por sua vez, propicia uma visão geral (Gil 1999) e maior intimidade com o problema em estudo, além de simplificar um problema complexo ou elaborar hipóteses mais ajustadas, auxiliando na compreensão do problema enfrentado pelo pesquisador (Malhotra 2001).

Desta forma, foi realizada uma aprofundada pesquisa teórica focada em artigos científicos que abordassem a temática pesquisada. A pesquisa bibliográfi-

ca compreendeu um conjunto sistemático de processos atentos ao objeto de estudo, seguindo as etapas definidas teoricamente por Salvador (1986), conforme Quadro 1.

Quadro 1. Etapas e procedimentos da pesquisa bibliográfica realizada.

Etapas pesquisa bibliográfica	Procedimentos	Ações, artigos selecionados e ferramentas utilizadas
1. Leitura de reconhecimento	Leitura rápida, localizar e selecionar o material que apresentasse informações referentes ao tema.	O pesquisador busca os dados em bibliotecas e bases de dados digitais para localizar as obras relacionadas ao tema.
2. Leitura exploratória	Leitura rápida – verificar se as informações ou dados selecionados são importantes para o estudo.	Comprovar quais das obras selecionadas têm informações que respondem aos objetivos propostos. Foram selecionados 93 artigos.
3. Leitura seletiva	Definir o material que de fato interessa, relacionando-o diretamente aos objetivos da pesquisa.	Selecionar informações importantes e descartar as que não auxiliam nos objetivos da pesquisa. Utilizada a ferramenta de gestão de referências QDA Miner Lite®, a partir da qual foram selecionados 70 artigos que continham a temática sobre sucessão rural, gênero e juventude rural.
4. Leitura reflexiva ou crítica	Estudar criticamente o material, ordenar e sumarizar as informações.	Análise dos pesquisadores focando em responder aos objetivos da pesquisa.
5. Leitura interpretativa	Catalogar ideias confrontando com o problema de pesquisa. Interpretar as ideias do autor, inter-relacionando com o propósito do pesquisador.	Associar ideias, comparar propósitos, liberdade de pensar e capacidade de criar são fundamentais nessa etapa.

Fonte: Realizado com base em Salvador (1986).

O mapeamento da produção científica, na Etapa 1, foi realizado por meio do Google Acadêmico, SciELO, ERIC, Periódicos CAPES, BDTD, Science.gov e ScienceResearch.com., por serem bases de dados que apresentam diversidade de periódicos que publicam artigos relacionados à temática sucessão familiar no contexto internacional. As palavras chave utilizadas para busca dos artigos foram: “agricultura familiar”, “migração rural-urbana”, “jovens rurais” e “permanência no campo”. Desta primeira busca e, posterior a análise de enquadramento, Etapa 2, resultaram 93 artigos.

Na Etapa 3, para seleção de conteúdos que respondessem aos objetivos da pesquisa, foi utilizada a ferramenta de gerenciamento de referências, de versão livre, QDA Miner Lite®. Este *software* de análise qualitativa permite a categorização de

grupo de dados e não sugere interpretações de forma automática, sendo a classificação inserida pelos pesquisadores e, baseado na análise e no agrupamento de conteúdo dentro da plataforma, o pesquisador tira as conclusões sobre os dados de seu objeto de pesquisa (Azevedo 2018). A utilização do *software* facilita a visualização de relações entre conjuntos de dados e aumenta a velocidade de resposta das análises (Evers 2011). Inclui funcionalidades para os processos de codificação e categorização, criando e mantendo a hierarquia de códigos e associação destes a pontos específicos no material analisado, além de buscas otimizadas (Saillard 2011).

Com inserção das palavras-chaves *gênero, género, gender, filha, filhas, hija, hijas, daughter, farm transfer, transferência agrícola, young farmer, jovem agricultor, jovens mulheres, menina, moça e mulher*, o programa selecionou trechos em conformidade com a proposta da pesquisa. A partir desta busca, se identificou 70 artigos relacionados com o tema, os quais, a partir da análise criteriosa dos autores, compuseram os resultados da pesquisa.

Padrões da problemática de sucessão rural no mundo

Visando o crescimento e a continuidade da propriedade rural nas mãos da família, a disponibilidade dos sucessores é um dos determinantes da viabilidade da propriedade rural. Todavia, mundialmente a transferência intergeracional da propriedade da família recai sobre a relutância que a geração mais velha tem de afastar-se e retirar-se para facilitar a inserção de jovens agricultores que querem estabelecer uma carreira na agricultura (Conway *et al.* 2017).

Por outro lado, o jovem rural reconhece as dificuldades relacionadas à valorização do agricultor, a falta de apoio do Estado e a menor diversidade de emprego (Breitenbach e Corazza 2017; Molotla 2018), colocando como opção de vida a migração do campo para a cidade. Outra questão que contribui para a migração é a divisão do trabalho dentro das propriedades e das famílias, feita em função do gênero. Essa divisão geralmente coloca o trabalho da mulher como menos reconhecido, sofrendo diferentes preconceitos, os quais se estendem às atividades de extensão rural no Brasil (Villwock, Germani e Roncato 2016; Menasche e Torrens 1996; Silva 2019). Este preconceito de gênero, ao longo da infância e juventude, resulta em mais autonomia de participação na propriedade para filhos homens (Suess-Reyes e Fuetsch 2016).

Esta realidade pôde ser observada também em outras nações além do Brasil. A presente pesquisa permitiu identificar outros países, regiões ou continentes que, com suas particularidades, apresentam distintas formas de conduzir o processo sucessório, bem como enfrentam problemas neste aspecto. Na Figura 1 pode ser observada a distribuição geográfica em que foram encontrados dados sobre questões de gênero no processo sucessório e, na sequência, a apresentação dos dados por país e região.

Figura 1. Destaque para as regiões mundiais de abrangência da pesquisa.



Fonte: Adaptado de Soescola (2017).

a) América Latina – Na América Latina alguns dos principais problemas entre os jovens rurais e a sucessão das propriedades são: o acesso a terra, a pluriatividade como resultado da renda insuficiente gerada pelo trabalho agrícola familiar, as relações familiares patriarcais e a dominação existente sobre as mulheres (Kessler 2006).

Apesar das problemáticas e ainda que estejam presentes muitos desafios, a juventude rural latino-americana conseguiu melhorar suas perspectivas de emprego e renda no meio rural (ONUBR 2016). No entanto, persiste o estímulo e o desejo de jovens meninos serem preferidos para o papel de sucessor da propriedade rural (Deere e León 2003). Contudo, alguns países têm distintos problemas relacionados com a juventude rural, conforme segue.

a.1) Brasil – Para boa parte dos jovens rurais brasileiros, a vida, trabalho e estudo encontradas no meio urbano fazem parte das perspectivas e sonhos para o futuro (Brumer 2007). A migração do campo para a cidade na busca de condições mais favoráveis de trabalho, estudo e reconhecimento, implicam na saída de jovens da agricultura, especialmente mulheres (Heredia e Cintrão 2006; Breitenbach e Corazza 2017). Isto tangencia um cenário de alerta à reprodução social na agricultura familiar brasileira.

Breitenbach e Corazza (2019), Breitenbach e Corazza (2017), Castro *et al.* (2013), Puntel, Paiva e Ramos (2011) e Redin e Silveira (2012) apontam como principais aspectos que interferem na decisão do jovem sair do campo: dificul-

dades e incertezas do meio rural, mais de uma geração na mesma propriedade, o tardio processo de passagem de patrimônio, a falta de espaço e momentos de lazer no campo, a atratividade dos centros urbanos, o trabalho penoso e difícil e a pouca valorização do trabalho agrícola pela sociedade.

A migração da juventude rural se relaciona com a sucessão rural a sustentabilidade das propriedades e com o envelhecimento da população rural (Cavichiolli, Bertoni e Pretolani 2018). O efeito de um processo de sucessão próspero é positivo para a propriedade, uma vez que o jovem se envolve ativamente na execução das atividades e do processo de tomada de decisão, com gradual passagem da gestão entre gerações (Leonard *et al.* 2017).

No Brasil, quanto maior o envolvimento dos possíveis sucessores nas decisões da propriedade, maiores as chances de sucesso no processo de sucessão (Breitenbach e Corazza 2017). Porém, as tensões nas relações de autoridade na família comprometem a participação dos sucessores nas decisões (Castro 2006; Breitenbach e Corazza 2019). Ainda, as mulheres estão em situação de desvantagem no processo de tomada de decisões e têm seu protagonismo minimizado quanto à participação nos trabalhos da propriedade (Breitenbach e Corazza 2019; Abramovay *et al.* 1998). Desta forma, as barreiras de gênero que ainda podem ser encontradas no meio rural, são empecilhos para a permanência de jovens, principalmente jovens mulheres, na agricultura (Troian e Breitenbach 2018).

a.2) Argentina – Ainda que exista a tradição de um único herdeiro nas propriedades da Argentina, em que o filho homem herda a terra e permanece na propriedade, são encontrados sinais de democratização, em que a distribuição de terras inclui filhas mulheres e aqueles filhos que não se encontram mais no meio rural, mas desenvolvem trajetórias de trabalho externas a unidade familiar (Neiman 2013). Além disso, a elegibilidade de um sucessor depende, além do gênero e aptidão física, das trajetórias educacionais/profissionais que os jovens irão traçar, tornando-os aptos ou não a assumir a propriedade (Neiman 2013).

b) Oceania

b.1) Austrália – Na Austrália a religiosidade é marcante nas comunidades rurais e, apesar de ter um papel importante no que tange ao pensamento sobre sucessão nas propriedades rurais, reforça modelos tradicionais e patriarcais. Nestes modelos, os filhos homens são preferidos para assumir o papel de sucessores, independentemente da real qualificação e vontade de o serem (Suess-Reyes e Fuettsch 2016; Crockett 2004).

Os pressupostos patriarcais e a organização social de gênero na agricultura, direcionam e tornam evidente a expectativa de que o sucessor deva ser do gênero masculino. Existe ainda, a preferência de que a propriedade tenha um único sucessor, que receba a transferência intacta dos ativos agrícolas, pois os patriarcas acreditam que é a estratégia mais provável de garantir a continuação das ativida-

des agrícolas na propriedade (Barclay, Reeve e Foskey 2012; Alston 2004; Santham-Martin, Bridge e Stevens 2018).

No decorrer dos últimos trinta anos, houve elevação da idade média dos agricultores da Austrália, que passou de 44 para 56 anos (Oliveira e Vieira Filho 2019). Isso reflete na sucessão rural, uma vez que esta é apenas considerada depois dos 50 anos de idade do patriarca, motivada pelo medo que a geração mais velha tem em entregar o controle da propriedade para o sucessor. Isto tem origem nas instabilidades que podem ocorrer na família caso ocorra o casamento do sucessor e formação de uma nova família. Isto, apesar de ser fundamental para a base da formação da próxima geração, pode trazer mudanças no núcleo familiar agrícola (Oliveira e Vieira Filho 2019; Wilkinson 2009).

c) América do Norte – Protopop (2016) afirma que há possibilidade de mais da metade dos agricultores norte-americanos sair da agricultura nos próximos 20 anos. Corroboram para estas decisões, de sair ou investir no crescimento da propriedade, os fatores: tamanho da propriedade; e o estado de saúde do agricultor. Quanto maior a propriedade e melhor o estado de saúde do agricultor, maiores as chances de o sucessor permanecer no meio rural, na América do Norte (Gale 2003).

Em países desenvolvidos, como Estados Unidos da América (EUA) e Canadá, foram estabelecidas intervenções políticas governamentais para a afirmação de jovens agricultores. Estas intervenções buscam facilitar o acesso ao crédito através da aquisição de terras e outros insumos (Bertoni e Cavicchioli 2016b). Para tais intervenções utilizam-se argumentos, como por exemplo: a idade média dos agricultores é alta e a participação dos jovens agricultores é relativamente baixa; a sucessão agrícola é fundamental para reparar o desequilíbrio demográfico no setor agrícola; e também que as propriedades rurais administradas por jovens agricultores têm maior propensão para inovação, multifuncionalidade agrícola e sustentabilidade ambiental (Bertoni e Cavicchioli 2016b).

c.1) Canadá – No Canadá, em propriedades com maior nível de mecanização, agricultura convencional e produção de capital intensivo, também é maior a exclusão das mulheres de atividades de produção e gestão rural. Por outro lado, propriedades cujo foco são atividades diversificadas, relacionadas à produção de vegetais, pecuária mista e agroturismo, por exemplo, tendem a proporcionar maior valorização e inclusão do trabalho das mulheres, tanto nas atividades de produção quanto gestão (Hall e Mogyorody 2007).

c.2) Estados Unidos da América (EUA) – Nos EUA os agricultores que identificam um herdeiro precocemente têm variedade de estratégias de crescimento horizontal e vertical, como a expansão, intensificação e crescimento (Inwood e Sharp 2012). É significativamente mais provável que os agricultores sem sucessores, ou com baixa expectativa de sucessão, desgostem da agricultura, mantem-

do gerenciamento estático ou desinvestindo na propriedade (Potter e Lobley 1992; Inwood e Sharp 2012).

Alguns exemplos nos EUA mostraram ser possível uma harmonia no trabalho do homem e da mulher, se complementando. Neste sentido, alguns agricultores, a fim de reagir à queda de preços nos mercados de *commodities*, começaram a processar frutas. O trabalho era feito em conjunto, o homem permanecia como produtor primário de frutas, a mulher era responsável pelas atividades de valor agregado e varejo e os filhos se envolviam em ambas as operações (Inwood e Sharp 2012).

c.2.1) Nova York – Algumas famílias replicam a divisão tradicional do trabalho. Propriedades orientadas para o mercado são as que mais têm diferenciação de gênero e especialização geracional, gerando invisibilidade da contribuição de diferentes membros da família, especialmente mulheres (Dreby, Jung e Sullivan 2017). Apesar do trabalho agrícola melhorar os laços familiares, ainda há diferenciação de tarefas por gênero. Contudo, para tornar o negócio da família bem-sucedido, é fundamental que os membros tenham, além de um objetivo comum, uma postura de divisão de trabalho que envolva a cooperação, coordenação e especialização por gênero e geração (Dreby, Jung e Sullivan 2017).

c.3) México – Os desafios encontrados pelos jovens rurais do México são a precariedade e os riscos relacionados ao trabalho, bem como salários menores que dos adultos (Molotla 2018). Ainda, a redução das possibilidades de acesso à terra, contribui para que os jovens optem pela migração nacional-interna e em direção a regiões fronteiriças próximas dos EUA (Ramírez 2019; Aquino 2012). O perfil dos migrantes mexicanos, que visavam se inserir em atividades produtivas nos EUA é de camponeses de ascendência “tojolabal”, homens jovens solteiros e casados, com idade de 20 a 40 anos (Ramírez 2019).

d) Europa/União Europeia – Na Europa a sucessão das fazendas agrícolas tem sido amplamente debatida (Piras e Botnarenco 2019), devido ao baixo número de jovens agricultores, em muitos países da União Europeia (McKillop, Heanue e Kinsella 2018). A modernização da agricultura interferiu na hierarquia do trabalho, já que as mulheres se tornaram mais assistentes dos homens no trabalho, do que proativas (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

Fischer e Burton (2014) alegam que a fase inicial de socialização, das crianças e jovens com o trabalho agrícola, é crítica para a positiva relação sucessor-propriedade. Contudo, persiste a divisão sexual do trabalho nas propriedades agrícolas da Europa, sendo realizada de forma diferente a socialização para filhos meninos e filhas meninas. Assim, durante a infância, a socialização de uma identidade de gênero acaba por envolver diferentes deveres, normas e funções. As filhas acompanham suas mães e os filhos, a partir dos seis ou sete anos, acompanham os pais no trabalho agrícola (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

Desta forma, em propriedades onde a fonte de renda é a agricultura, geralmente cabe para as mulheres o trabalho doméstico e deveres reprodutivos, enquanto os homens passam mais tempo nos campos e florestas. Quando é necessário que trabalhem juntos, têm tarefas específicas para cada gênero, bem como as mulheres são acompanhadas pelas crianças e recebem ajuda das meninas mais velhas (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). O processo de masculinização da população rural europeia vem preocupando pesquisadores desde a década de 1960 (Froehlich *et al.* 2011).

Já a migração dos jovens do rural para o urbano ocorre devido: expectativa de renda e oportunidades esperada no setor não-agrícola superior a esperada na agricultura; as condições econômicas e estruturais do setor agrícola; a distância da propriedade até um centro urbano – áreas remotas são menos propensas a serem assumidas pela próxima geração; estrutura da propriedade familiar e os atributos pessoais (idade, escolaridade, gênero) (Olper *et al.* 2014; Ochoa *et al.* 2007; Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018).

Na Europa pode-se encontrar a maior gama de ações e cenários de incentivo para a sucessão geracional na agricultura. Viira, Pöder e Värnik (2014) e Suess-Reyes e Fuetsch (2016) deixam claro que o nível de conhecimento e experiência na agricultura tem um efeito positivo sobre as decisões de permanecer na propriedade rural. Para as novas gerações é importante que sejam repassados conhecimentos básicos da proteção do meio ambiente, multifuncionalidade, diversificação das atividades agrícolas em uma propriedade, agricultura biológica e outras questões relevantes que podem ser encontradas na realidade do meio rural (Đurić e Njegovan 2015; Suess-Reyes e Fuetsch 2016).

Outro exemplo é a Política Agrícola Comum (PAC) da União Europeia, a qual tem um conjunto diversificado de medidas para resolver os problemas estruturais do setor agrícola. Estas medidas são úteis para os jovens agricultores, tanto que os subsídios de investimento visam acelerar o crescimento de fazenda (Viira, Pöder e Värnik 2014). Neste sentido, uma comunicação boa e clara entre o governo e os agricultores é essencial para a sobrevivência do setor agrícola (Calus 2009). Além desta política, o apoio aos jovens agricultores é realizado através dos recursos do Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural, que oferece suporte para o jovem se estabelecer na propriedade e começar seu negócio. Além disso, cada país membro da União Europeia tem programas nacionais de suporte aos jovens agricultores, tais como treinamentos e aconselhamento para facilitar o acesso à informação. Estas são as formas mais comuns de apoio a nível nacional (Đurić e Njegovan 2015).

Đurić e Njegovan (2015) relatam que as políticas e projetos apoiam e encorajam o jovem rural a permanecer no meio rural. Os autores recomendam a maior participação dos jovens rurais na criação de tais programas e projetos, a fim de

simplificar procedimentos administrativos e disponibilizar a estes atores maior grau de informações.

d.1) França – Na França a realidade é comum ao que já foi descrito sobre a Europa de modo geral. Lobley (2010) constatou que já no ano de 1993, pouco menos de 30% dos agricultores franceses identificavam um sucessor para a propriedade. Dentre os sucessores identificados, em nenhum caso eram mulheres. Outro desafio encontrado pelos jovens rurais europeus, não comumente discutido, é a homossexualidade e a dificuldade de inserção de jovens que se enquadram como homossexuais, no espaço rural. Estes, buscam na internet e nos centros urbanos construir sua identidade, uma vez que o rural ainda é rodeado por questões de masculinidade e heterossexualidade, sendo a homossexualidade uma questão ignorada por este espaço (Annes e Redlin 2012).

d.2) Irlanda – Na Irlanda, os agricultores com sucessores, se comparado aos que não tem, são mais propensos a investir ou expandir sua propriedade (Leonard *et al.* 2017). Comparando dados dos anos de 1990 e 1997 do projeto internacional “FARMTRANSFERS”, o percentual de agricultores que identificavam um sucessor na Irlanda passou de 50% para quase 53%. Em 1990 era zero o percentual de agricultores que identificava uma mulher como sucessora e em 1997 passou para quase 5% (Lobley 2010).

A partir de 2010 aumentou o número de jovens candidatos a educação agrícola, impulsionados por instrumentos de políticas de financiamento, propiciando treinamento para futuros agricultores (McKillop, Heanue e Kinsella 2018). Em contraponto, tem-se um setor agrícola dominado por agricultores mais idosos, cujo acesso dos jovens agricultores acaba se tornando uma situação problemática (Leonard *et al.* 2017). Contudo, estatísticas revelam uma tendência, em escala global, de crescente aumento da idade média dos “jovens agricultores” e o baixo nível de entrada de jovens na agricultura (Leonard *et al.* 2017), sendo que apenas 7% dos agricultores irlandeses têm 35 anos, ou menos (Hanrahan *et al.* 2013).

d.3) Itália – Na Itália entender os fatores que estão por trás da vontade dos potenciais sucessores em assumir ou não os negócios da família é crucial para a continuidade da propriedade (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018). Para Simeone (2007), a escolha de permanecer no setor agrícola se origina quando o jovem começa a planejar seu próprio futuro. Desta forma, dentre os fatores que afetam na escolha de permanecer na agricultura e conferir rotatividade geracional à propriedade destaca-se o envolvimento na atividade agrícola, considerando o tempo da escola e a residência na propriedade familiar.

Propriedades administradas por um homem são 19,4% mais propensas a ter um sucessor, se comparado a propriedades similares administradas por uma mulher na Itália (Bertoni e Cavicchioli 2016a). Também existe menor propensão por parte das meninas em assumirem a propriedade da família (Simeone 2007),

sendo 42,8% menor a probabilidade de sucessão de uma mulher em relação ao homem (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018). Em propriedades especializadas na produção de vegetais, por exemplo, têm predominância de homens no processo de sucessão, sendo de 76% para jovens homens e 34% para jovens mulheres (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018).

Di Vita e Corsi (2017) alegam que a alteração do número de explorações na agricultura familiar italiana é amplamente determinada pela ausência de sucessores e pela idade média dos gestores da propriedade, uma vez que apenas 4,5% dos agricultores italianos têm menos de 35 anos (Bertoni, Cavicchioli e Latruffe 2016). A escolaridade em nível de graduação do titular da propriedade, a intensidade do trabalho e o aluguel de terras, são fatores que aumentam a probabilidade de sucessão na Itália (Cavicchioli *et al.* 2015; Simeone 2007). Porém, propriedades com cultivo de hortaliças têm menores chances de sucessão se o agricultor tem um diploma universitário, enquanto o maior número de filhos aumenta a probabilidade de sucessão na propriedade (Bertoni e Cavicchioli 2016a).

d.4) Reino Unido – No Reino Unido propriedades maiores e economicamente bem-sucedidas decidem precocemente sobre a sucessão. Nos casos em que os jovens rurais saem de casa para ter contato com a educação agrícola, retornam para a propriedade mais conscientes de novas tecnologias, bem como desejam implantar a mudança em suas próprias propriedades (Potter e Lobley 1996). Por outro lado, agricultores com pouca ou nenhuma expectativa de sucessão são significativamente mais prováveis de desgostarem e saírem da agricultura (Potter e Lobley 1996).

d.5) Espanha – Ochoa, Oliva e Sáez (2007) constataram que, na Espanha, quanto maior o nível de educação formal que tem o filho ou a filha dos agricultores, menor é a probabilidade de ocorrer a sucessão intergeracional. Não obstante, o celibato masculino é pronunciado, em que homens rurais continuam morando com seus pais ou residindo sozinhos (Costa 2013; Camarero *et al.* 2009).

d.6) Estônia – Em propriedades onde o homem tem outras fontes de renda além da agricultura, a mulher assume maior protagonismo e responsabilidades pelo trabalho que tradicionalmente era de domínio do homem (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). As famílias rurais, ao buscar estabelecer um filho sucessor que será responsável pela terra e negócio familiar, têm suas decisões permeadas pelo tradicionalismo e reconhecem mais os homens como possíveis sucessores (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

Durante a infância, filhos e filhas passam por um processo de socialização que envolve diferentes funções e normas. Filhas meninas frequentemente acompanham suas mães, enquanto filhos meninos acompanham o trabalho de seus pais. Portanto, o caminho tradicional para as mulheres é o trabalho doméstico e para homens trabalho de agricultor. Como consequência, as filhas não são prepa-

radas para o papel de sucessoras (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012). Por outro lado, uma parcela de proprietários não se importa se a propriedade for herdada por um filho homem ou uma filha mulher, desde que o sucessor esteja interessado e possa cuidar da propriedade/empresa agrícola, dos parentes idosos e dos irmãos mais novos (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

Os proprietários de terra valorizam, além de motivos econômicos, motivos emocionais para continuar na agricultura e escolher um sucessor, uma vez que os laços emocionais com a terra são fortes. Assim, é importante reconhecer que faz parte do processo de transferência da propriedade a transferência de ativos intangíveis – valores e sentimentos. Dentre eles, o conhecimento sobre a propriedade e o valor e importância da propriedade para o desenvolvimento familiar (Grubbström e Sooväli-Sepping 2012).

d.7) Suécia – Na Suécia, Grubbström e Eriksson (2018) encontraram dificuldades para entrevistar proprietários de terra do gênero feminino. Isto é reflexo da minoridade da participação das mulheres como proprietárias de fazenda, uma vez que 84% das propriedades são gerenciadas por homens (SCB 2017).

No geral, os agricultores suecos não pressionam os filhos para tomar conta da propriedade. Para eles, o filho deve ter real interesse em assumir a propriedade e não deve ser forçado a assumir apenas por razões familiares. Os laços emocionais que os agricultores têm com suas terras é forte, especialmente se são da família há várias gerações, mas, quando a sucessão familiar não é possível, soluções como a locação ou a venda de terras são mais populares (Grubbström e Eriksson 2018).

d.8) Países Baixos/Holanda – Ao norte dos Países Baixos, Paping e Karel (2011) confirmam que, quando a propriedade é transferida ou vendida para pessoas de fora da família, limita as chances de sucesso dos filhos na agricultura. Caso isto ocorra, menos de um quarto dos filhos consegue retornar ao ramo agrícola novamente. Por outro lado, caso a família tenha um sucessor, as chances dos demais irmãos se estabelecerem confortavelmente, aumentam consideravelmente (Paping e Karel 2011).

d.9) Inglaterra – A Inglaterra, apesar de ter maior taxa de sucessão, comparado a Austrália e EUA (Lobley, Baker e Whitehead 2010), tem forte distinção de gênero que pode dificultar a transferência de conhecimento para as filhas, bem como criar preconceitos que afetam negativamente o desempenho geral da sucessão (Glover 2014).

d.10) Bélgica – Na Bélgica a saída do ciclo de sucessão se dá, dentre outros motivos, pela falta de interesse na agricultura ou a limitação da viabilidade das explorações agrícolas (Calus 2009). Contudo, a transferência da propriedade é um processo de longo prazo e complexo. Os jovens que estão dispostos e têm competências para assumir a propriedade rural familiar, devem ser estimulados (Calus 2009).

Para Calus (2009) a transferência da fazenda está ligada a aspectos sociais, econômicos e legais: a) O “social” está ligado ao ambiente humano, opiniões pessoais, percepções e objetivos dentro da decisão de continuar na propriedade da família. O ensino agrícola deveria dar mais atenção para a transferência da propriedade nos currículos escolares; b) O aspecto “econômico” diz respeito aos investimentos agrícolas e a ajuda financeira que os jovens agricultores irão precisar para serem capazes de assumir a propriedade. A transferência gradual da propriedade rural leva anos para se concluir, devendo os envolvidos estarem preparados para concluir o processo de forma harmoniosa; c) O aspecto “legal” diz respeito a questões jurídicas, como por exemplo, impostos e responsabilidades pessoais.

d.11) Hungria – A opção de trabalho fora da propriedade rural, na Hungria, pode levar a saídas dos jovens rurais do campo. Isso ocorre especialmente em grupos etários mais jovens, que podem agregar mais mudanças de carreira (Rizov e Mathijs 2003).

e) Leste Europeu e Norte da Ásia – Rússia (Sibéria) – Na Sibéria a intenção do jovem de sair da área rural e da propriedade diminui se: a) existir apoio dos pais para que o jovem estude em áreas relacionadas à agricultura; b) a família possuir terras agrícolas; c) a juventude rural acreditar que não é difícil estabelecer um negócio próprio (Bednaríková, Bavorová e Ponkinac 2016).

f) Ásia

f.1) Índia – Na Índia, o gênero e a ordem de nascimento são vistos como compromissos fundamentados em normas familiares, socialmente institucionalizados como prática cultural para determinar quem será o sucessor. É uma espécie de obrigação que o herdeiro seja do gênero masculino (Sharma e Rao 2000). A sociedade indiana é patriarcal, de modo que os pais beneficiam mais os filhos homens, marginalizando as filhas mulheres. Os indianos percebem atividades geradoras de renda como trabalho para homens, sendo o trabalho das mulheres nos campos visto como parte integrante do seu trabalho doméstico. As mulheres não tomam decisões de gestão na produção, nem comercializam o produto ou controlam o dinheiro restante (Gupta 1987).

f.2) Japão – No Japão um único sucessor, geralmente o primeiro nascido, é responsável por herdar a terra em sua totalidade ou, pelo menos, sua metade. Porém, a preferência é dada para o homem. Isto inclui casos em que havendo apenas filhas mulheres na família, o sucessor geralmente será o marido da primeira filha nascida (Tsutsumi 2001).

g) África

g.1) Etiópia – A perspectiva de receber maior herança de terra reduz significativamente a probabilidade de migração, é o que concluíram Kosec *et al.* (2018) em estudo na Etiópia.

g.2) Quênia – No Quênia, as barreiras estruturais e de acesso a terra limitam o interesse dos jovens à participação na agricultura e o interesse de permanência no campo, despertando o desejo de buscar carreira fora do meio rural, inclusive estudos (Noorani 2015).

Considerações finais

Constatou-se nessa pesquisa a tendência para trajetórias comuns no setor agrícola mundial quanto a dinâmica da sucessão familiar (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018). Ainda, globalmente na agricultura há um padrão de aumento de idade dos “jovens agricultores”, bem com a diferenciação de gênero nos processos sucessórios que dá maior propensão ao homem para assumir o controle da propriedade familiar.

Estas tendências podem se modificar dependendo do tipo de exploração agrícola (Cavicchioli, Bertoni e Pretolani 2018), uma vez que as mulheres tendem a permanecer em propriedades cujo foco seja a diversificação de atividades, dedicando-se a produção de vegetais, pecuária mista e agroturismo, como é o caso do Canadá (Hall e Mogyorody 2007).

Por outro lado, o investimento em políticas públicas demonstra ser o caminho mais oportuno para incentivar e motivar os jovens a permanecer no meio rural. Políticas públicas que voltem seu olhar para as mulheres do campo, para os jovens e as atividades que estes exercem no meio rural, se fazem imprescindíveis para fomentar o processo de sucessão rural familiar. Desta forma, projetos governamentais, através de políticas públicas eficientes, demonstram ser a maneira mais promissora de países incentivarem a população de jovens rurais a permanecer no campo. Assim, políticas públicas elaboradas e planejadas com a participação destes agentes possibilitam maior conhecimento e informações referentes ao acesso a estas políticas, cruciais para o futuro próspero da sucessão dos jovens no meio rural.

No contexto internacional, independentemente do país, a agricultura familiar depende da permanência do jovem no campo, seja homem ou mulher. Ainda, os agricultores familiares têm estreito laço afetivo com o meio em que vivem. Por isso, a interação do jovem com as atividades da propriedade corrobora para a positiva inserção destes atores na gestão e sucessão da propriedade. **ID**

Referencias

Abramovay, Ricardo, Milton Silvestro, Nelson Cortina, Ivan T. Baldissera, Dilva Ferrari e Vilson M. Testa. 1998. *Juventude e Agricultura Familiar: Desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: Edição UNESCO.

- Aguirre-Pastén, Beatriz, Alexandra Gajardo-Tobar e Lorena Muñoz-Madrid. 2017. Construcción de identidad e la niñez en contextos de ruralidad en la comuna de Concepción, Chile. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* 15(2): 893-911. <https://doi.org/10.11600/1692715x.1520722112016>
- Alston, Margaret. 2004. Who is down on the farm? Social aspects of Australian agriculture in the 21st Century. *Agriculture and Human*, 21(1): 37-46.
- Anjos, Flávio Sacco dos, Nadia Velleda Caldas e Maria Regina Caetano Costa. 2006. Pluriatividade e sucessão hereditária na agricultura familiar. *Anais Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural* 44. CD ROM.
- Anjos, Flávio Sacco dos, e Nádia Valeda Caldas. 2005. O futuro ameaçado: o mundo rural face aos desafios da masculinização, do envelhecimento e da desagrarização. *Ensaio FEE* 26(1): 661-694.
- Annes, Alexis, e Meredith Redlin. 2012. Coming out and coming back: Rural gay migration and the city. *Journal of Rural Studies* 28(1): 56-68.
- Aquino, Alejandra. 2012. *De las luchas indias al sueño americano. Experiencias migratorias de jóvenes zapotecos y tojolabales en Estados Unidos*. México: CIESAS, UAM-X.
- Araujo, Kathya. 2010. Configuraciones de sujeto en la modernidad latinoamericana: el caso de Perú a inicios del siglo XX. *Revista Chilena de Literatura*, 76: 5-25.
- Azevedo, Siméia. MaxQDA – *Software para Análise Qualitativa*. 2018. Programa de Estudos Pós-Graduados Em Administração: PUC/SP. [https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/administracao/MaxQDA – software-para-analise-qualitativa-simeia-azevedo.pdf](https://www.pucsp.br/sites/default/files/download/posgraduacao/programas/administracao/MaxQDA%20-%20software-para-analise-qualitativa-simeia-azevedo.pdf)
- Barclay, Elaine, Ian Reeve e Roslyn Foskey. 2012. Australian farmers' attitudes toward succession and inheritance. Em Lobley, Matt, John R. Baker e Ian Whitehead (eds.), *Keeping it in the family: international perspectives on succession and retirement of family farms*. London: Ahsgate.
- Bednaríková, Zuzana, Miroslava Bavorová e Elena V. Ponkinac. 2016. Migration motivation of agriculturally educated rural youth: the case of Russian Siberia. *Journal of Rural Studies* 45: 99–111. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.03.006>
- Bertoni, Danilo, e Daniele Cavicchioli. 2016a. Farm succession, occupational choice and farm adaptation at the rural-urban interface: The case of Italian horticultural farms. *Land Use Policy* 57: 739-748. <https://doi.org/10.1016/j.landusepol.2016.07.002>
- Bertoni, Danilo, e Daniele Cavicchioli. 2016b. Process description, qualitative analysis and causal relationships in farm succession. *Perspect. Agric. Vet. Sci. Nutr. Nat. Res.* 11: 1-11.

- Bertoni, Danilo, Daniele Cavicchioli, e Laure Latruffe. 2016. Impact of succession on performance: The case of the Italian family farms. *European Association of Agricultural Economists*, 149th Seminar, Rennes, France. <https://ideas.repec.org/p/ags/eaal49/245166.html>
- Breitenbach, Raquel e Graziela Corazza. 2017. Perspectiva de permanência no campo: Estudo dos jovens rurais de Alto Alegre, Rio Grande do Sul/Brasil. *Revista Espacios*, 38(29): 9.
- Breitenbach, Raquel e Graziela Corazza. 2019. Formação profissional e a relação com a sucessão geracional entre jovens rurais, Brasil. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* 17(2): 1-34.
- Brumer, Anita. 2007. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. Em Carneiro, Maria José, e Elisa Guaraná de Castro (org.), *Juventude Rural em Perspectiva*, 35-52. Rio de Janeiro: Mauad X.
- Calus, Mieke. 2009. *Factors Explaining Farm Succession and Transfer in Flanders*. Ghent, Belgium: Universiteit Gent.
- Camarero, Luis, Fátima Cruz, Manuel González, Julio A. del Pino, Jesús Oliva e Rosario Sampedro. 2009. *La población rural de España: de los desequilibrios a la sostenibilidad social*. Barcelona: Fundación La Caixa.
- Carneiro, Maria José. 2001. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Revista Estudos Feministas* 9(2): 22-55.
- Castro, Antônio Maria Gomes de, Suzana Maria Valle Lima, Eduardo Paulo de Moraes Sarmento e Luis Fernando Vieira. 2013. *Juventude rural, agricultura familiar e políticas de acesso a terra no Brasil*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário.
- Castro, Elisa. 2006. As jovens rurais e a reprodução social de hierarquias. Em Ellen F. Woortmann, Renata Menasche e Beatriz M. A. Heredia (orgs.), *Margari-da Alves: Coletânea sobre Estudos Rurais e Gênero*. Brasília: MDA, IICA.
- Cavicchioli, Daniele, Danilo Bertoni e Roberto Pretolani. 2018. Farm succession at a crossroads: The interaction among farm characteristics, labour market conditions, and gender and birth order effects. *Journal of Rural Studies*, 61: 73-83.
- Cavicchioli, Daniele, Danilo Bertoni, Federico Tesser e Dario Gianfranco Frisio. 2015. What factors encourage intrafamily farm succession in mountain areas? *Mountain Research and Development* 35(2): 152-160.
- Conway, Shane Francis, John McDonagh, Maura Farrell e Anne Kinsella. 2017. Uncovering obstacles: The exercise of symbolic power in the complex arena of intergenerational family farm transfer. *Journal of Rural Studies*, 54: 60-75.
- Coradini, Lucas. 2016. Jovens e mulheres na agenda de políticas públicas para o Rural: o problema da reprodução social na agricultura Familiar. Tese de Doutorado Ciência Política. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/150323>

- Costa, Cassiane da. 2013. Contornos do celibato no espaço rural: solteirões do sul do Brasil. *Revista Extensão Rural*, 21(3): 22-51.
- Costa, Maria Regina Caetano. 2006. Agricultura familiar e sucessão hereditária: estudo de caso no município de Morro Redondo, RS. Dissertação Mestrado em Agronomia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. http://www2.ufpel.edu.br/tede/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=346
- Crockett, Judith. 2004. The nature of farm succession in three New South Wales communities. *Australian Farm Business Management Journal*, 1(1): 14-27.
- Deere, Carmem Diana e Magdalena León. 2003. Diferenças de gênero em relação a bens: a propriedade fundiária na América Latina. *Sociologias*, 5(10): 100-153.
- Di Vita, Giuseppe, e Alessandro Corsi. 2017. Economic, demographic and succession determinants of farm structural change. *EAAE Congress*. https://www.researchgate.net/publication/319482539_Economic_Demographic_and_Succession_Determinants_of_Farm_Structural_Change.
- Dreby, Joanna, Gowoon Jung e Rachel Sullivan. 2017. At the nexus of work and family: Family farms in upstate New York. *Journal of Rural Studies*, 49: 151-161.
- Đurić, Katarina, e Zoran Njegovan. 2015. Mechanisms of support for the young rural population in the european union. *Economics of Agriculture*, 62(4): 1003-1016. <https://scindeks-clanci.ceon.rs/data/pdf/0352-3462/2015/0352-34621504003D.pdf>
- Evers, Jeanine C. 2011. From the past into the future. How technological developments change our ways of data collection, transcription and analysis. *Forum: Qualitative Social Research*, 12(1): 1-31. <https://doi.org/10.17169/fqs-12.1.1636>
- Fischer, Heike e Rob J. F. Burton. 2014. Understanding farm succession as socially constructed endogenous cycles. *Sociologia Ruralis*, 54(4): 417-438.
- Froehlich, José Marcos, Cassiane da Costa Rauber, Ricardo Howes Carpes e Marcos Toebe. 2011. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. *Ciência Rural*, 41(9): 1674-1680.
- Gale, H. Frederick. 2003. Age-specific patterns of exit and entry in U.S. farming, 1978-1997. *Review of Agricultural Economics, Agricultural and Applied Economics Association*, 25(1): 168-186.
- Galindo, Eryka. 2019. Olhares sobre as juventudes do campo. Em Montechiare, Renata e Gabriel Medina (org.), *Juventude e Educação: Identidades e Direitos*. São Paulo: FLACSO, 83-90.
- Gil, Antonio Carlos. 1999. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5a ed. São Paulo: Atlas.
- Glover, Jane L. 2014. Gender, power and succession in family farm business. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 6(3): 276-295.

- Grubbström, Ann e Camilla Eriksson. 2018. Retired farmers and new land users: How relations to land and people influence farmers' land transfer decisions. *Sociologia Ruralis*, 58(4): 1-26. <https://doi.org/10.1111/soru.12209>
- Grubbström, Ann, e Helen Sooväli-Sepping. 2012. Estonian family farms in transition: a study of intangible assets and gender issues in generational succession. *Journal of Historical Geography*, 38(3): 329-339. <https://doi.org/10.1016/j.jhg.2012.03.001>
- Gupta, Monica das. 1987. Selective discrimination against female children in rural Punjab, India. *Population and Development Review*, 13(1): 77-100.
- Hall, Alan e Veronika Mogyorody. 2007. Organic farming, gender, and the labor process. *Rural Sociology*, 72(2): 289-316. <https://doi.org/10.1526/003601107781170035>
- Hanrahan, Kevin, Thia Hennessy, Anne Kinsella e Brian Moran. 2013. *National Farm Survey Results*. Rural Economy and Development Programme, Athenry, Galway. <https://www.ucd.ie/t4cms/National%20Farm%20Survey%20Results%202013.pdf>
- Heredia, Beatriz Maria Alásia de e Rosângela Pezza Cintrão. 2006. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. *Revista Nera*, 9(8): 1-28.
- Inwood, Shoshanah M., e Jeff S. Sharp. 2012. Farm persistence and adaptation at the ruraleurban interface: Succession and farm adjustment. *Journal of Rural Studies*, 28(1): 107-117. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2011.07.005>
- Kessler, Gabriel. 2006. La investigación social sobre juventud rural en América Latina. Estado de la cuestión de un campo en conformación. *Revista Colombiana de Educación*, 51: 16-39.
- Kosec, Katrina, Hosaena Ghebru, Brian Holtemeyer, Valerie Mueller e Emily Schmidt. 2018. The effect of land access on youth employment and migration decisions: evidence from rural Ethiopia. *American Journal of Agricultural Economics*, 100(3): 931-954.
- Leonard, Brian, Anne Kinsella, Cathal O'Donoghue, Maura Farrell e Marie Mahon. 2017. Policy drivers of farm succession and inheritance. *Land Use Policy*, 61: 147-159.
- Lobley, Matt, John R. Baker e Ian Whitehead. 2010. Farm succession and retirement: some international comparisons. *Journal of Agriculture, Food Systems, and Community Development* 1(1): 49-64. <https://doi.org/10.5304/jafscd.2010.011.009>
- Lobley, Matt. 2010. Conference paper succession in the family farm business. *Journal of Farm Management*, 13(12): 839-851.
- MacDonald, James M., Penni Korb e Robert A. Hoppe. 2013. *Farm size and the organization of U.S. crop farming*. Washington: USDA. https://www.ers.usda.gov/webdocs/publications/45108/39359_err152.pdf

- Malhotra, Naresh K. 2001. *Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.
- McKillop, Jessica, Kevin Heanue e Jim Kisella. 2018. Are all young farmers the same? An exploratory analysis of on-farm innovation on dairy and drystock farms in the Republic of Ireland. *The Journal of Agricultural Education and Extension*, 24(2): 137-151.
- Mello, Márcio Antonio de, Ricardo Abramovay, Milton Luiz Silvestro, Clovis Dorigon, Dilvan Luiz Ferrari e Vilson Marcos Testa. 2003. Sucessão hereditária e reprodução social na agricultura familiar. *Agricultura em São Paulo* 50(2): 11-24.
- Menasche, Renata e João Carlos Sampaio Torrens. 1996. *Gênero e agricultura familiar: cotidiano de vida e trabalho na produção de leite*. Curitiba: DESER/CEMTR.
- Minayo, Maria Cecília de Souza, Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto e Romeu Gomes. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Molotla, Felipe Contreras. 2018. Empleo y en jóvenes rurales México. Em Suárez, Enrique Contreras e Felipe Contreras Molotla (coords.), *Empleo, capacitación y jóvenes rurales de México*. México: Universidad Nacional Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 87-110.
- Neiman, Melina. 2013. La herencia: los/as hijos/as y el tránsito entre generaciones en la agricultura familiar de la región pampeana argentina. *Revista de Estudios Sociológicos*, 31(93): 899-920.
- Noorani, Mohamed. 2015. To farm or not to farm? Rural youth perceptions of farming and their decision of whether or not to work as a farmer: A case study of rural youth in Kiambu County, Kenya. Thesis the master Faculty of Social Sciences. University of Ottawa, Ottawa. https://ruor.uottawa.ca/bitstream/10393/31960/1/Noorani_Mohamed_2015_thesis.pdf.
- Novaes, Regina Célia Reyes, Daniel T. Cara, Danilo M. da Silva e Fernanda de C. Papa. 2006. *Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas*. São Paulo: Conselho nacional de Juventude.
- Ochoa, A. M. Aldanondo, V. Casanovas Oliva e C. Almansa Sáez. 2007. Explaining farm succession: the impact of farm location and off-farm employment opportunities.» *Spanish Journal of Agricultural Research* 5(2): 214-225.
- Oliveira, Walber Machado de e José Eustáquio R. Vieira Filho. 2019. *Sucessão dos negócios na agricultura: Experiências Internacionais e Políticas Públicas*. Rio de Janeiro: Ipea. http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2448.pdf.
- Olper, Alessandro, Valentina Raimondi, Daniele Cavicchioli e Mauro Vigani. 2014. Do CAP payments reduce farm labour migration? A panel data analysis across EU regions. *European Review of Agricultural Economics*, 41(5 (2014): 843-873.

- ONUBR. Organização das Nações Unidas no Brasil. 2016. *FAO: situação de emprego entre jovens rurais latino-americanos melhora, mas desafios permanecem*. <https://nacoesunidas.org/fao-situacao-de-emprego-entre-jovens-rurais-latino-americanos-melhora-mas-ha-desafios/>.
- Paping, Richard, e Erwin Karel. 2011. The rural succession myth: Occupational careers and household formation of peasants' and farmers' offspring around 1800. *TSEG/ Low Countries Journal of Social and Economic History* 8(4): 44-75.
- Piras, Simone e Svetlana Botnarenco. 2019. Problems of farm succession in the post-Soviet space: insights from the Republic of Moldova. *Journal of Land Use Science*, 13(6): 631-644. <https://doi.org/10.1080/1747423X.2019.1603332>
- Potter, Clive e Matt Lobley. 1992. Ageing and succession on family farms: the impact on decision-making and land use. *Sociologia Ruralis*, 32(2-3): 317-334.
- Potter, Clive e Matt Lobley. 1996. Unbroken threads? Succession and its effects on family farms in Britain. *Sociologia Ruralis*, 36(3): 286-306.
- Protopop, Iuliia. 2016. *The impact of the timing of the intergenerational farm transfer initiation on the terminal wealth in the business: simulation model*. Dissertation Agricultural Economics Department. University of Nebraska, Lincoln. <http://digitalcommons.unl.edu/agecondiss/36>
- Puntel, Jovani Augusto, Carlos Águedo Nagel Paiva e Marília Patta Ramos. 2011. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. *Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos*, Brasília, D. F., Brasil. <http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>
- Ramírez, Guillermo Castillo. 2019. Migraciones chiapanecas internacionales y cambios territoriales en localidades rurales. *Interdisciplina*, 7(18): 21-38.
- Redin, Ezequiel e Paulo Roberto Cardoso da Silveira. 2012. Juventude rural: experiências e perspectivas. Em Santos, Vilson Flores dos, Hugo Anibal Gonzalez Vela e Paulo Roberto Cardoso da Silveira (org.), *Educação rural no mundo contemporâneo*. Santa Maria: UFSM, 175-208.
- Redin, Ezequiel, Paulo Roberto Cardoso da Silveira, Gisele Martins Guimarães e Vilson Flores dos Santos. 2013. Juventude rural e novas formas de sociedade mediadas pelas tic. *Signos do consumo*, 5(2): 225-244.
- Richardson, Roberto Jarry, José Augusto de Souza Peres, José Carlos Vieira Wanderley, Lindoya Martins Correia e Maria de Holanda de Melo Peres. 1999. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas.
- Rizov, Marian, e Erik Mathijs. 2003. Farm survival and growth in transition economies: Theory and empirical evidence from Hungary. *Post-Communist Economies, Taylor & Francis Journals* 15(2): 227-242.
- Saillard, Elif Kus. 2011. Systematic versus interpretive analysis with two CAQDAS packages: NVivo and Maxqda. *Forum: Qualitative Social Research*, 12(1): Art. 34.

- Salvador, Ângelo Domingos. 1986. *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica*. Porto Alegre: Sulina.
- Santhanam-Martin, Michael, Patten Bridge e Lillian Stevens. 2018. Working with stuckness: lessons from an intervention to support intergenerational transitions on Australian dairy farms. *Canadian Journal of Development Studies/Revue canadienne d'études du développement*, 40(2): 254-271.
- Santos, Ana Caroline Trindade dos. 2009. Juventude Rural e Permanência no Campo: Um estudo de caso sobre a juventude do assentamento rural flor do mucuri/SE. Dissertação Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9344/1/arquivo284_1.pdf
- Savian, Moisés. 2011. A sucessão geracional na agricultura familiar de Ponte Alta-SC. Dissertação Mestrado em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95353?show=full>
- SCB. 2017. Statistiska centralbyrån. *Jordbruksstatistisk sammanställning 2017: med data om livsmedel – tabeller*. Örebro: Statistiska centralbyrån. https://www.scb.se/contentassets/1e184d1a18c843e2af202c44a5bda45d/jo1901_2016a01_br_jo02br1701.pdf
- Sharma, Pramodita, e A. Srinivas Rao. 2000. Successor attributes in Indian and Canadian family firms: A comparative study. *Family Business Review*, 13(4): 313-330.
- Silva, Mariane Rodrigues. 2019. Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar. *Brazilian Journal of Development*, 5(3): 2095-2105.
- Simeone, Mariarosaria. 2007. Le determinanti del trasferimento intergenerazionale in agricoltura: un'analisi empirica basata sulla stima di un modello probit. *Rivista di Economia Agraria*, 4: 519-539. <http://hdl.handle.net/20.500.12070/4498>.
- Siqueira, Luisa Helena Schwantz de. 2004. As perspectivas de inserção dos jovens rurais na unidade de produção familiar. Dissertação Mestrado em Desenvolvimento Rural. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/7053>.
- Soescola. 2017. Mapa mundi para colorir. *SóEscola* (blog). <https://www.soescola.com/2017/11/mapa-mundi.html/mapa-mundi-colorir>.
- Soares da Silva, Pedro Celso, Nardel Luiz Soares da Silva, Armin Feiden e Wilson João Zonin. 2011. Comportamento da juventude estudantil rural do Oeste Paranaense em relação as atividades desenvolvidas pela agricultura familiar. *Revista Cultivando o Saber*, 4(2): 173-187.
- Spanevello, Rosani Marisa, Alessandra Matte, Letícia Fátima de Azevedo e Tanice Andreatta. 2010. As perspectivas sucessórias de gestão dos negócios do pa-

- trimônio entre agricultores familiares sem sucessores. *Revista CCEI*, 14(26): 54-71.
- Stropasolas, Valmir Luiz. 2004. O valor (do) casamento na agricultura familiar. *Estudos Feministas*, 12(1): 253-267.
- Suess-Reyes, Julia e Elena Fuetsch. 2016. The future of family farming: A literature review on innovative, sustainable and succession-oriented strategies. *Journal of Rural Studies*, 47: 117-140. <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2016.07.008>
- Troian, Alessandra e Raquel Breitenbach. 2018. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. *Interações (Campo Grande)*, 19(4): 789-802.
- Tsutsumi, Masae. 2001. Succession of stem families in rural Japan: Cases in Yamanashi Prefecture. *International Journal of Japanese Sociology*, 10(1): 69-79.
- Viira, Ants-Hannes, Anne Põder e Rando Värnik. 2014. Discrepancies between the intentions and behaviour of farm operators in the contexts of farm growth, decline, continuation and exit – Evidence from Estonia. *German Journal of Agricultural Economics*, 63(1): 46-62. https://ageconsearch.umn.edu/record/253149/files/4_Viira.pdf.
- Villwock, Ana Paula Schervinski, Alessandra Regina Müller Germani e Patrícia Eveline dos Santos Roncato. 2016. Questões de Gênero no Mundo Rural e na Extensão Rural Brasileira. *Revista Alamedas*, 4(1): 1-17.
- Wilkinson, Roger Lindsay. L. 2009. Population dynamics and succession strategies of rural industry producers. PhD Tese. Institute for Sustainability and Innovation: Victoria University. <http://vuir.vu.edu.au/1943/>